



20° CONGRESSO
BRASILEIRO DE
**Infectologia
Pediátrica**
DE 14 A 17 DE NOVEMBRO • SALVADOR/BA

Trabalhos Científicos

Título: Análise Quantitativa Da Sífilis Congênita E Na Gestação No Brasil (2007-2017)

Autores: Gustavo Manoel de Sá Menezes; Andrezza Milet Alves; Bruno Alves; Isabella Souza Carvalho; Maria Aline Moura Reis; Pedro Reges Pereira Meira; Raíssa Barreto Santana; Thaisa Carvalho Viaggi; Vinícius Antônio Santos Aragão; Vinícius Santos de Oliveira; Viviane Santana Gonçalves; Izailza Matos Dantas Lopes

Resumo: Objetivos: Analisar o número de casos de sífilis em gestantes e sífilis congênita, no Brasil e suas regiões geográficas, durante o período entre 2007 e 2017. Metodologia: Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo, transversal, documental e descritivo. A análise será feita a partir do banco de dados do DATA/SUS. Os dados de 389.321 casos notificados serão quantificados, classificados e comparados de acordo com região geográfica, através do software Microsoft Excel. Para ilustrar e comparar a evolução epidemiológica, no período estudado, será utilizado tabela de frequência por ano/região. Resultados: Do total de 389 mil casos computados, 231.048 são de sífilis na gestação e 158.273 da forma congênita. Nesses dez anos, constatou-se um crescimento em mais de cinco vezes, tanto para sífilis na gestação (586%) quanto para a forma congênita da doença (504%). As regiões Sudeste e Nordeste apresentaram os maiores registros de casos notificados durante todos os anos analisados, com 101.490 e 48.261 casos, respectivamente. Enquanto que, durante a década analisada, a região Norte obteve o menor crescimento (395%) e o Centro-Oeste com o menor número total de registros (20.823 casos). Quanto ao crescimento médio anual da incidência no Brasil, temos: cerca de 19,3% a mais de novos casos, para a Sífilis gestacional e 17,3% para a Sífilis congênita. Destaca-se ademais, a região Sul, que ao longo do tempo, tende a ultrapassar o Nordeste em número de casos. Isso se explica pela maior taxa de crescimento apresentada, tanto nas gestantes (25% ao ano) quanto por via transplacentária (26,8% ao ano). Conclusões: Ainda que, parte deste incremento de notificações, no país, possa ser parcialmente explicada pelo aprimoramento do sistema de vigilância, é preciso que se aumente a cobertura e a qualidade no pré-natal às gestantes, pois há discrepâncias visíveis no aumento de casos diagnosticados entre as regiões mais ricas e as mais pobres. Além disso, quando diagnosticada e tratada rapidamente, a transmissão vertical será quase totalmente prevenível, tanto que alguns países praticamente erradicaram a doença. Dessa forma, previne-se a Sífilis congênita, e suas consequências deletérias gestacionais e perinatais.